

ENTREVISTA

Camila Feix Vidal¹

¹ Professora Adjunta no Curso de Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Graduada em Relações Internacionais pela Florida International University (FIU); Mestra e Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) com estágio doutoral na École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) na França. Tem experiência nos seguintes temas: Teorias das Relações Internacionais, Teoria Política, Política Externa Brasileira, Partidos Políticos e Política Estadunidense.

IA: InterAção

CV: Camila Feix Vidal

IA: Sabemos que lidera um grupo que está pesquisando acerca do mapeamento da produção intelectual de mulheres em Relações Internacionais no Brasil. Quais são os objetivos dessa presente pesquisa?

CV: A produção teórica em Relações Internacionais vem, desde a década de 1980, recebendo contribuições de teóricas e teóricos que introduziram em suas reflexões conceitos advindos da teoria política feminista. Ainda que o debate entre pós-coloniais e feministas na América Latina nos traz novas perspectivas e reflexões para se pensar o internacional a partir de lentes teóricas feministas, nas RI essa influência parece estar mais presente entre teóricas estadunidenses e britânicas como Cynthia Enloe, Ann Tickner e Marysia Zalewski. Nesse sentido, a pesquisa intitulada “Mapeamento da Produção Teórica Feminista em Relações Internacionais no Brasil” é um trabalho coordenado por mim e pela profa. Fabiane Simioni que, em conjunto com bolsistas de graduação da Universidade Federal do Rio Grande, vem sendo desenvolvido desde o segundo semestre de 2017. O objetivo geral dessa pesquisa é mapear, através dos programas de determinadas disciplinas nos cursos de graduação em Relações Internacionais no Brasil, a presença (ou a ausência) das abordagens feministas nesses programas e quais as autoras e autores utilizados nessas abordagens. Se objetiva, desse modo, uma compreensão mais aprofundada acerca do presença da temática feminista enquanto abordagem teórica nos cursos de RI no Brasil e, nos cursos onde essa abordagem está presente, a percepção do como está sendo aplicada, ou seja, a partir de que autoras e vertentes feministas ela é ministrada.

IA: Qual ou quais conselhos e orientações para jovens acadêmicas que ingressam no mestrado nas Relações Internacionais?

CV: Entendo que acadêmicas e acadêmicos que ingressam em uma pós-graduação em RI devem priorizar certas questões. Em primeiro lugar, sair dos condicionantes e amarras tradicionais no que concerne às lentes teóricas utilizadas para entender o sistema internacional a partir de uma maior ênfase de leituras com abordagens críticas – não necessariamente a Teoria Crítica, mas abordagens que questionem a ordem vigente; que percebam as variadas formas de opressão e condicionantes a que somos expostos não só enquanto indivíduos mas também enquanto nações; e que busquem enxergar o que esta por trás do que nos é apresentado. Isso inclui as abordagens teóricas que nos enfatizadas na disciplina mas também a própria agenda da pesquisa em RI, uma tipicamente masculina e anglo-saxã. Não por acaso, as pesquisas centradas em segurança, armamentos e questões militares dominam a agenda internacionalista não só nas pesquisas feitas nos EUA mas mesmo em países fora do eixo central como o Brasil. Nesse sentido, aceitar que as RI é um campo maior e mais global que vai além dos EUA e trazer para a superfície conhecimentos e visões de mundo de distintas regiões do globo, incluso do sul global.

Em segundo lugar, fazer um processo de auto-reflexão no sentido de ter claro para si o seu posicionamento e saber, por conta disso, seus limites e dificuldades em uma determinada pesquisa.

Em terceiro lugar, teoria e metodologia muitas vezes são relegadas a um segundo plano nas pesquisas em Relações Internacionais, cujas pesquisas são preocupadas com questões factuais, conjunturais e de estudos estratégicos.

Entretanto, o que nos separa enquanto internacionalistas de jornalistas ou de historiadores é justamente o uso teórico metodológico de abordagens internacionalistas para entender de maneira aprofundada um determinado evento ou fenômeno. Nesse sentido, diria para os acadêmicos e acadêmicas ingressantes em uma pós-graduação que priorizem nas pesquisas feitas ferramentas teóricas e metodológicas e que essas sejam convergentes entre si. A opção por uma determinada lente teórica pressupõe uma certa metodologia e determinadas técnicas na condução da pesquisa caso contrário fica um recorta e cola com o objetivo de preencher espaços vazios depois que se tem um objeto de pesquisa definido. Várias vezes observo pesquisas na nossa área onde o capítulo teórico e metodológico pode ser completamente dispensado porque não dialoga com o restante do trabalho, o que é um erro. O caminho deve ser, portanto, o contrário: definir primeiramente qual lente teórica o ou a estudante enxerga o mundo e a partir daí definir um determinado problema de pesquisa e objeto de estudo.

Por fim, que utilizem suas pesquisas para a busca de uma sociedade e de um mundo socialmente mais justo e igualitário.

IA: Entende-se que haja uma lacuna nos debates teóricos com a reduzida atenção dedicada a essa tradição no Brasil. O revigoramento dos debates teóricos contribui para o enfraquecimento das tradições teóricas convencionais. O papel da teoria crítica nessa tendência é primordial.

Como avalia essa afirmativa?

CV: As tradições teóricas convencionais nas Relações Internacionais, em específico o Realismo e o Liberalismo (bem como suas variantes) são abordagens

enraizadas em um espaço político, social e econômico anglo-saxão. Não por acaso, fizeram parte do primeiro debate nas RI e seguem até hoje como teorias basilares em uma área de predomínio teórico dos EUA, basta observar relatos como o de Stanley Hoffman, Arlene Tickner, Amitav Acharya e pesquisas empíricas como as de Thomas Biersteker e as do projeto Teaching, Research and International Policy (TRIP), entre outros. Se há o predomínio estadunidense nas abordagens teóricas convencionais, há praticamente uma invisibilidade de abordagens não centrais advindas de países e regiões “periféricas”. Assim, trazer a tona abordagens teóricas e lentes explicativas não convencionais que reflitam visões de mundo oriundas de regiões e países fora do mainstream deve resultar em um revigoramento de debates teóricos ainda que não, necessariamente, para o enfraquecimento das tradições convencionais. Como Andrew Hurrell já mencionou em uma palestra proferida quando da comemoração dos 40 anos do primeiro curso de RI no Brasil, é preciso diversificar, pluralizar, as abordagens teóricas que utilizamos enquanto pesquisadores e que ensinamos enquanto docentes. Teorias pós-positivistas e, em específico, a Teoria Crítica, podem contribuir sobremaneira nessa revitalização de debates teóricos. Por fornecer ferramentas que nos instigam a questionar o nosso consumo e a nossa reprodução de teorias convencionais, a Teoria Crítica nos incita a buscar alternativas (inclusive teóricas) para fins emancipatórios – portanto, para repensar o nosso consumo enquanto internacionalistas de teorias que são criadas e difundidas a partir de realidades distinta da nossa enquanto sul global. Ou seja, a Teoria Crítica pode nos ajudar no sentido de desconstrução dos conceitos e teorias convencionais nas RI e na construção de alternativas teóricas oriundas de uma realidade própria. É importante deixar claro que a minha posição não é uma que advoga o fim o não uso das teorias tradicionais anglo-saxãs, mas é preciso que enquanto

internacionalistas, possamos criar lentes e conceitos próprios da nossa realidade enquanto periferia e enquanto sul global que dialoguem e que debatam com as teorias e abordagens mainstream.

IA: A teoria crítica da Escola de Frankfurt é examinada como precursora filosófica e metateórica da teoria crítica em Relações Internacionais. Em seguida, as bases epistemológicas dos desafios da teoria crítica às teorias convencionais são apresentadas, com ênfase especial dedicada ao trabalho de Robert W. Cox. O pensamento neogramsciano é inspecionado à luz da busca pela transformação social nas relações internacionais. A vertente da teoria crítica internacional é vista como fonte de inspiração para muitos autores que trabalham com a emancipação. Quais são os méritos da teoria crítica na guilnada das discussões teóricas em direção a questionamentos ontológicos e epistemológicos?

CV: Percebo duas grandes contribuições da Teoria Crítica para as RI. A primeira seria o de se pensar potenciais emancipatórios não apenas em termos de indivíduos a partir dos mais variados condicionantes e opressões; mas também de nações. Nesse sentido, através dos trabalhos de Robert Cox e, mais recentemente, de Stephen Gill, por exemplo, nos é fornecido insights para se pensar as ordens hierárquicas e hegemônicas no sistema internacional de maneira crítica como estruturas criadas e mantidas pelo papel de instituições variadas (inclusive aquelas supostamente criadas para maior cooperação entre os Estados e para maior ordenamento mundial), recursos materiais e de ideais (como livre comércio, desregulamentação, democracia, etc.) Disseminadas em um processo de institucionalização e de construção de legitimidade que conta não só com a coerção mas também, e principalmente, com o consenso, essa estrutura difundida viabiliza

o papel dirigente das classes dominantes – no caso dos países hegemônicos sobre os periféricos. Nesse sentido, a Teoria Crítica nos fornece ferramentas para se pensar a hegemonia no âmbito global como uma forma de dominação onde o(s) estado(s) predominante(s) cria(m) uma ordem mundial consistente com sua própria ideologia e valores servindo para a reprodução dessa mesma hegemonia.

A segunda contribuição, inerentemente relacionada à primeira, seria a de se pensar em potenciais emancipatórios dentro da própria academia no âmbito das teorias e das ideias. O que estamos consumido e reproduzindo? Nas RI, de que modo estamos analisando o mundo? Se consumimos lentes explicativas oriundas de hegemonias globais, estamos reproduzindo um padrão de manutenção e de legitimação dessa mesma hegemonia. Assim, a contribuição de teóricos da Teoria Crítica reside, nesse sentido, em instigar a nós, internacionalistas, a repensar as lentes teóricas que usamos a partir de um processo de desconstrução das abordagens tradicionais e de pontuar novos potenciais teóricos que reflitam nossa realidade enquanto sul global.